

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado)

Visado pela
Comissão de
Censura

SOL

nascente

quinzenário cultural de literatura e crítica

de SOL a SOL

Um disparate...

Certa imprensa elogiou, satisfeita, um «récord» que, se não fôra garantido como nacional, diríamos ser americano ou feliz invenção das agencias telegráficas. Não sabemos como a coisa se passou, mas basta conhecê-la levemente para que seja possível bordar um comentário simples. Na capital, um juiz efectuou, no prazo de 45 minutos, dizem os jornais, o julgamento de 37 causas. Estais a ver que cada causa tinha por si um espaço muito pouco maior do que o de um breve, um fugidio minuto. Pois nêsse minuto, um instante decisivo para essas causas, formava-se ir'eira a deliberação justa, a suprêma aprovação ou reprovação dos actos postos em face ao juizo austero da lei. Seja como fôr, o «record» não é digno de aplaudir-se, não merece que exaltemos o grande feito... Essa imprensa que deu vulto ao acontecimento nã considerou que estas coisas não se medem como os metros de panos nas lojas de fazenda, ou não são, na realidade, motivo para estabelecer «récords», como se fôssem corridas velozes de automóveis. E' um critério (puramente merceirial) o que leva à exaltação do facto, pois que todos sabem ser necessário exaltar o mérito dum juiz, não pelo prodígio com que arruma as causas, mas pela integridade com que as analisa, com que as estuda nos seus pormenores, para que a sentença seja eivada—diríamos—dêsse sagrado senso do que é justo. Não dizemos que as causas não tenham sofrido as deliberações realmente mais acertadas; mas o que não parece bem é que a imprensa dê ao facto o vulto

que deu, como se o valor dum juiz estivesse na pressa com que decide as questões...

Um capto de criança...

Todos vos lembrais da noticia trágica que ecoou pelo mundo. Raptaram o bébé Lindbergh, o risonho rebento dum feliz casal! O telégrafo célere fez voar a noticia dum recanto ao outro do globo. Nas redacções as noticias de sensação se faziam apressadas e as rotativas não deixavam de parar nas suas edições sucessivas. Um frémito de espanto e de terror nos percorreu a todos e, quem tendo filhos pequenos e com loiros caracóis, estremecendo os apertou ao peito, muito contra o peito, não viessem os «gangsters» sinistros, pavorosos, na calada da noite, roubar aos carinhos dos pais, a joia preciosa de tão íntima ventura. Comoção maior não vibrou ainda com intensidade tão vasta e ampla, sobre a face da terra, unindo na mesma dolorida sensação uma massa tão enorme—como êsses milhões de seres que compreendem a tragédia duns pais que vêem o filho guapo e feliz raptado pela violência assassina e brutal dos «gangsters» impiedosos. Recordais que a sensibilidade humana nunca se mostrou, colectivamente, tão indignada, tão colérica, violenta e implacável como nessa altura contra um crime nefando. As agencias telegráficas hora a hora nos lançavam as suas novas ansiadas e os jornais distilavam, em fundo, toda a emoção honesta e sincera da sua lacerante dôr. Mundo sensível!—caprichoso mundo! E, hoje, as crianças chinas, as pobres filhas de tanto pai atormentado? As crianças chinas,

frágeis mártires duma violência cega? Que é da vossa dôr—caprichoso mundo? Deste-la toda ao bébé Lindbergh? A vossa dôr foi toda para uma criança só; esqueceis agora as milhares de atormentadas nêsse inferno de Xangai...

Alemanha e religião

Na pátria de Goethe se quebrou, num golpe duro e inesperado, a unidade impressionante das instituições medievais. Lutero, possante, truculento e apaixonado, vibrou, com a sonoridade impressionante da sua revolta contra a prepotencia de Roma, o golpe que havia de abrir o caminho à Reforma, tentativa de retorno à pureza religiosa dos primitivos tempos, mas também primeira clareira levantada ante o dogmatismo inviolado e indiscutido das idades medievais e, quanto à Alemanha, afirmativa duma espécie de autarquia no domínio das coisas religiosas. Vivia a Europa os beneficios duma unidade conseguida na obediencia a um poder que a mística consolidava fervorosamente e a Alemanha sentia-se lesada, a despeito das concordâncias religiosas, nos magros cofres dos seus haveres. Era o caso que as «indulgências» papais ceifavam as economias dos rudes pecadores germanos, e nisso se sentiam humilhados os contemporâneos do violento Lutero. Este deu o grito de revolta que eclodiu célere pelas terras germânicas e assim foi na Alemanha que primeiro se afirmou o grito rebelde contra o imperialismo papal, tudo subvertendo sob a sua lei. Quere-se dizer com isto que a Alemanha foi a primeira a aplicar um golpe profundo na unidade religiosa

da Europa e que não será, talvez, desinteressante lembrar o facto quando, como nos tempos que decorrem, lamentam os católicos, e com razão, as perseguições e humilhações de que são alvo.

Lugar aos novos

Aparece na imprensa literária francesa um anúncio muito curioso e digno duma referência. Certo organismo, formado por personalidades eminentes nas letras e nas ciências, propõe-se examinar tôdos os trabalhos inéditos de carácter literário ou científico que lhe sejam enviados, de molde a que se dê publicidade às obras de mérito real, que não acharam até aí a ocasião feliz de convencer o rígido editor. Por êste processo revelam-se, na vida da arte, personalidades que viviam apagadas e, no campo científico, esforços a que a desestima pelos novos custava a dar o realce necessário e justificado. Sabe assim qualquer nôvel artista que terá a quem recorrer e que pela mão dêsse organismo, se possui valor na arte a que se devotou, lhe estão abertas as portas da desejada publicidade, incentivo suprêmo para o seu trabalho criador. Em Portugal, quando se busca editor, êste não solicita uma análise à obra que se oferece, mas logo pergunta, como garantia primeira, se o pretendente já publicou alguma obra. Se não publicou, o sobrecenho se carrega, e numa amável frase, numa dúbia frase, põe o interessado na rua, que sai descontente a ruminar as razões por que os homens não aceitam com mais facilidade as belezas que, em noites de vigília, a sua propensão artística deliciosamente compôs.